

CORRIDA À CASA BRANCA

Autoconfiante, Trump quer debater

O republicano insiste no discurso de desprezo à democrata Kamala Harris, dizendo que é mais fácil derrotá-la do que ao presidente Joe Biden, e tem encontro marcado com o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, na sexta-feira

Pelo segundo dia consecutivo, o ex-presidente e candidato republicano à Casa Branca, Donald Trump, desdenhou da democrata Kamala Harris. Ele disse que será "mais fácil" de derrotar a atual vice-presidente do que o presidente Joe Biden, nas eleições de novembro. Também se dispôs a participar de pelo menos um debate com a adversária.

"Ela é muito mais radical do que ele (Biden) então acho que ela deve ser mais fácil (para derrotar)", afirmou o republicano, informando que está pronto para enfrentar um debate com Kamala. "Na verdade, eu estaria disposto a participar de mais de um debate."

Desde que Kamala se colocou na disputa, Trump busca diminuir a força política dela. O republicano usa sua rede social Truth Social e a imprensa para enviar recados. Ele ignorou o fato de, que em poucas horas, Kamala ter arrecado mais de US\$ 80 milhões para sua campanha e obtido apoio de artistas e celebridades.

Na sua rede social, Trump responsabilizou Biden e Kamala pelo atentado por não ter garantido a segurança para ele. "A gestão Biden/Harris não me protegeu adequadamente e fui forçado a levar um tiro pela democracia. Foi minha grande honra fazer isso", escreveu. "A mentirosa Kamala Harris destrói tudo o que toca."

A guerra em Gaza será tema do encontro de Trump com o

primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, na sexta-feira. Inicialmente, a reunião seria hoje, mas segundo o republicano, o israelense pediu para mudar a data. Por diversas vezes, ele manifestou sua simpatia por Israel. "Ansioso para receber Bibi Netanyahu em Mar-a-Lago, Palm Beach, Flórida", escreveu o ex-presidente na Truth Social.

Trump disse que a agenda da "paz pela força" mostra para o mundo que "as guerras horribéis e mortais e os conflitos violentos devem acabar porque milhões estão morrendo". Determinado a diminuir a capacidade de Kamala, o candidato atacou sua habilidade como negociadora no cenário internacional. "Kamala Harris não é de forma alguma capaz de impedir isso (guerras violentas)."

Netanyahu passa esta semana nos Estados Unidos em busca de apoio político contra o Hamas. A relação dele com Biden não é próxima, há a expectativa de ele se reunir com Kamala. Assim, o primeiro-ministro poderá se encontrar com os dois candidatos à Casa Branca. A guerra em Gaza eclodiu em outubro de 2023, quando o Hamas atacou o sul de Israel, fazendo reféns e matando civis. Israel reagiu imediatamente e, palestinos têm sido obrigados a deixar suas terras expulso pela violência da guerra. Desde então, são mais de 35 mil mortos e 78,6 mil mortos, de acordo com a AFP.



Ele se concentra em atacar a oponente e reduzir suas habilidades políticas, mencionando o passado e perspectivas futuras

Sob pressão, diretora deixa Serviço Secreto

Pressionada por republicanos e democratas, a diretora do Serviço Secreto dos Estados Unidos, Kimberly Cheatle, renunciou ontem ao cargo. Ela deixa a função um dia depois de admitir, publicamente, durante audiência na Câmara de Representantes, que o atentado contra o candidato Donald Trump foi o pior erro da agência, que falhou na sua missão de proteger o político e a nação norte-americana.

Cheatle demorou quase dez dias para prestar esclarecimentos aos parlamentares sobre o ataque a Trump, no último dia 13 – quando um atirador tentou acertá-lo e acabou alvejado. O candidato ficou com a orelha direita ferida por uma bala de rifle que passou de raspão do lado do rosto dele, no comício de campanha em Butler, na Pensilvânia. Ele passou a usar curativo, que virou símbolo de campanha.

Para o presidente da Câmara dos Representantes, o republicano Mike Johnson, presidente da Câmara dos Representantes, a renúncia demorou para ser anunciada. "Ela está atrasada, deveria ter feito

isso pelo menos uma semana atrás", disse. "Estou feliz em ver que ela atendeu ao chamado tanto dos republicanos quanto dos democratas."

Fracasso

A imprensa internacional destaca que Cheatle escreveu uma carta de renúncia, em que diz que tomou a "difícil" decisão de deixar a agência "com o coração pesado". "A luz dos eventos recentes, é com o coração pesado que tomei a difícil decisão de renunciar como sua diretora", escreveu. Segundo ela, o desempenho do Serviço Secreto no dia 13 "ficou aquém" de sua missão de "proteger os líderes da nossa nação".

Diante da Câmara de Representantes, Cheatle afirmou que: "Fracassamos". "Como diretora do Serviço Secreto dos Estados Unidos, assumo toda a responsabilidade por qualquer falha na segurança", afirmou. "A mais significativa falha operacional do Serviço Secreto em décadas", observou ela, que por 27 anos foi agente do Serviço Secreto. Em 2022, foi nomeada diretora pelo presidente Joe Biden.



Kimberly Cheatle diz na carta de renúncia que está com o "coração partido"

Atentado completa 11 dias

Ao ser socorrido com a orelha ferida e o rosto ensanguentado, o republicano levanta do chão para onde se abaixou e faz o gesto da vitória



No dia 13, Thomas Matthew Crooks, de 20 anos, disparou contra o candidato republicano e vice-presidente Donald Trump com um rifle AR, minutos depois de ele discursar. Trump se abaixou, a bala passou de raspão na cabeça dele, atingindo a orelha direita. O atirador foi morto por um agente de elite do Serviço Secreto. Segundo a investigação, Crooks morava a 80 km de Butler, agiu sozinho e não apresentava motivação ideológica ou política clara.

Na plateia, o bombeiro aposentado Corey Comperatore, de 50 anos, acabou morto ao defender a família, jogando-se na

frente das filhas. Dois apoiadores de Trump ficaram gravemente feridos. O episódio afetou o cenário político norte-americano. Republicanos e democratas pediram a renúncia de Cheatle, que irritou os parlamentares por se recusar a fornecer detalhes.

Atualmente, congressista de extrema direita do Texas, o médico Ronny Jackson, que cuidou da saúde de Trump quando ele estava na Casa Branca, afirmou que está cicatrizando o ferimento de 2cm na orelha do republicano. Segundo ele, a bala passou a poucos milímetros de "entrar em sua cabeça e impactou a parte superior de sua orelha".

Artigo

Kamala e os desafios

» CRISTINA SOREANU PECEQUILO

De quatro em quatro anos, as eleições nos Estados Unidos possuem um ciclo definido até o pleito em 5 de novembro de 2024. Com pouca variação nas datas, os partidos majoritários, Republicano e Democrata, iniciavam as primárias estaduais em janeiro, com a realização da Super Terça em março, seguindo-se algumas votações, até culminar com as convenções partidárias em julho e agosto. As convenções lançavam a disputa nacional, com debates presidenciais, e a expectativa pela Surpresa de Outubro, quando um ou mais fatos novos pode mudar os rumos da disputa presidencial.

Porém, em 2024, as surpresas chegaram antes, em junho e, principalmente, julho: antecipação do debate presidencial, o atentado contra o republicano Donald Trump, um ex-presidente que tenta voltar à Casa Branca, e a desistência de Joe Biden em buscar a sua reeleição por conta de pressões por sua fragilidade. Em meio a isso, entre 2021-2024, outros ineditismos colocaram em xeque a democracia norte-americana como a invasão do Capitólio em 6 de janeiro de 2021 e as acusações criminais contra Trump, e suas condenações.

Pouco menos de um mês antes da Convenção Democrata (19 a 22 de agosto), uma campanha que era morna, parece finalmente se iniciar. A iminente

confirmação de Kamala Harris, a atual vice-presidente, como candidata segue um curso natural com arrecadação financeira recorde e apoios políticos e sociais influentes. Cerca de 72hs após a desistência de Biden, reforça-se a ideia de uma base democrata reenergizada.

Entretanto, a realidade é mais complexa e demanda um exercício multidimensional: criar uma imagem positiva para Harris cuja popularidade é tão baixa quanto a de Biden (cerca de 36% de aprovação) e resolver o dilema entre a continuidade e a descontinuidade do legado do democrata. Os principais desafios estão na recuperação dos votos e da confiança do eleitor moderado. Ao tomar posse em 2021,

Biden prometeu uma política externa para a classe média. A promessa não foi atingida: a retirada do Afeganistão, o apoio incondicional à Ucrânia, o apoio à imigração ilegal, a relação com Israel e a crise na Palestina-Faixa de Gaza, são pontos de fraqueza que necessitam de novas soluções.

Não basta Kamala repetir indicadores positivos na economia, uma vez que a recuperação do país não corrige o déficit social de emprego, renda, alta inflação de alimentos, combustíveis e moradia que corroem a classe média (ainda afetada pela criminalidade e a crise dos opioides). Esses problemas derivam de questões estruturais, que não serão resolvidos com fórmulas mágicas como fechar fronteiras ou aumento do protecionismo comercial. É o nicho explorado pelo republicano, que promete um governo para a "América forte de novo".

Para Trump, é mais difícil derrotar

Kamala do que Biden, por questões de gênero e raça, apesar de a atual vice-presidente passar uma imagem de elite, e ter menos carisma. Deve-se investir na agenda forte dos democratas: direitos sociais e civis, muito atacados pelo radicalismo religioso conservador. São estes temas, que atribuem à democracia uma face concreta, que irão manter o eleitorado democrata e atrair moderados de todos os espectros. No fundo, dos dois lados, o sucesso eleitoral dependerá de uma postura de equilíbrio, sem raiva, para um eleitor cansado de polarizações, saudosos do sonho americano. Quem responder melhor a este desafio, estará na Casa Branca em janeiro de 2025.

Professora de relações internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), de Pós-Graduação no PPGRI-San Tiago Dantas e EPI-UFRJ e pesquisadora do CNPq e NERINT-UFRGS

Arquivo pessoal

